



DISCURSO NA CERIMÓNIA DE DOUTORAMENTO  
*HONORIS CAUSA* DE IMMANUEL WALLERSTEIN

Elogio do Candidato

*CARLOS FORTUNA*

Magnífico Reitor

Senhores (Vice) Reitores e Senhor Pró-Reitor

Senhor Presidente do Conselho Directivo da FEUC

Digníssimas autoridades civis e militares

Ilustres Convidados,

Prezados Senhores Professores, Assistentes e Investigadores

Caros estudantes,

Senhores Funcionários,

Minhas senhoras e meus senhores

De novo, 16 anos passados, a minha Faculdade - a Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra -concede-me o honroso privilégio de fazer soar o meu falar nesta Sala dos Capelos, em cerimónia solene de imposição de insígnias. Tal como da primeira vez, no ano dos 700 anos desta Universidade, o motivo é nobilíssimo: incumbe-me apresentar ao claustro um cientista social e investigador do maior relevo, um universitário devotado à causa pública, um cidadão de rectidão e honradez exemplares e nunca desmentidas, de nome Immanuel Maurice Wallerstein.



Dezasseis anos atrás, as minhas palavras falaram de Florestan Fernandes, o decano dos modernos cientistas sociais brasileiros, o lutador e investigador pioneiro das complexas e diversas realidades sociais, políticas e culturais dos Brasis dos nossos dias. Hoje, as minhas palavras dirigem-se a Immanuel Wallerstein, nome grado da ciência social contemporânea, de mérito mundialmente reconhecido, académico e investigador incansável, em busca permanente dos modos mais certos de compreender e explicar o mundo real.

Mais do que honra pessoal, honra-se a Faculdade de Economia de poder contar com nomes tão consagrados da ciência sociológica entre os seus doutores laureados honoris causa. E com ela, naturalmente também, a Universidade de Coimbra que assim se renova sem parar, tanto cultural como cientificamente, tornando seus tão ilustres nomes da ciência e da produção de conhecimento.

A Florestan Fernandes e a Immanuel Wallerstein, que hoje aqui se apresenta, outros académicos de renome se juntam à galeria de quantos, com o patrocínio da Faculdade de Economia, exibem a mais elevada insígnia da Universidade de Coimbra. Com efeito, Aristides Pereira, Albert O. Hirschman, Jacques Dellors, Fernando Henrique Cardoso, António Simões Lopes, Joaquim Chissano, Jacinto Nunes, Simon Pierre Nothomb e sua eminência o Papa João Paulo II repartem entre si, todos eles, o facto de inscreverem o seu nome e a sua obra e experiência, tanto, científica, como cultural, tanto política como religiosa, na lista dos patrimónios de que se vai fazendo a Universidade de Coimbra. Tantos outros nomes célebres a convite de todas as restantes Faculdades repartem com estes o lugar de distinção que esta Universidade sabe conceder.

Os doutoramentos honoris causa são momentos de celebração de um trajecto individual que clama por partilha. A sua história é, portanto, uma *história de verificação e de reconhecimento* de méritos ímpares, de personalidades únicas, de saberes e experiências singulares. Celebrar em fraternidade esta história, no entanto, é, mais, muito mais, do que uma prosaica invocação ou lembrança do passado. É, ao invés, uma manifestação de esperança. No sentido exacto das *festas da esperança* que, no dealbar da Revolução



francesa, Henri de Saint-Simon tanto apregoava como manifestação do que entendia ser a nova e promissora religião do industrialismo. Nesse mesmo sentido, este ritual não celebra o passado mas elogia o futuro. O futuro do saber e da ciência, o futuro das organizações e dos modos de fazer, o futuro das relações académicas e políticas, que inspirados no trajecto e no ensinamento de gente singular, só nesse ensinamento pode frutificar e ajudar, assim, a abrir caminhos novos. A Universidade que celebra o trajecto e a experiência científica dos seus laureados, celebra-se, futuramente podemos dizer, a si própria. Funde, no cadinho que é esta celebração, a história e o passado verificados com a história e o futuro que hão-de, de modo cúmplice, concretizar-se.

É essa a nossa esperança e, por isso, Immanuel Wallerstein... meu muito prezado amigo, meu muito estimado professor... a sua presença aqui neste momento honra-nos muito e incita-nos a fazer frutificar o seu exemplo e o seu ensinamento como forma de concretizar a vontade inquebrantável da Universidade de Coimbra de unir o seu longo passado a um futuro de relevo e excelência no universo sem limites dos lugares onde se faz e se transmite conhecimento e cultura enquanto fundamentos incontornáveis da cidadania moderna.

A biografia intelectual do Prof. I. Wallerstein corre de par da sua formação política. Nascido nos USA em 1930, no seio de uma família de fortes convicções políticas, pautada pela denúncia do fascismo e do nazismo, I. Wallerstein transportou consigo esta visão da vida política desde os tempos do liceu. Quando ingressou na Universidade de Columbia em Nova Iorque em 1947, no imediato pós-guerra, um dos traços mais característicos da vida política de então era a fractura dos movimentos políticos em torno dos cortes entre a Segunda e a Terceira Internacionais. Na Universidade, esta fractura ganhou expressão particular na divisão no seio do *American Veterans Committee*, destroçado por lutas intestinas entre orientações ideológicas Liberais e Trabalhistas.

Entre visões políticas opostas, que lhe pareceram sempre mais sólidas denúncias de uma facção sobre a sua oponente, do que correctas avaliações da injustiça económica, social e



racial da época, o jovem estudante de Sociologia entregou-se ao estudo dos movimentos anti-sistémicos e das suas origens sócio-históricas, na expectativa de neles se estarem a alicerçar alternativas para a sociedade americana e mundial *post bellum*.

Cumprido o serviço militar, quando se começou a adensar a onda McCartista e no rescaldo da Guerra da Coreia, I. Wallerstein concluiu a sua Tese de Mestrado sobre o McCartismo, no que seria um muito celebrado ensaio de sociologia política e o simbólico pronúncio de um cientista social de ímpar recorte.

O jovem sociólogo político, no entanto, não conseguiu libertar-se da sua curiosidade de adolescente sobre o mundo não-ocidental. A África, os líderes e movimentos de independência, do mesmo modo que a Índia e a acção de Indhira Gandhi, eram, neste plano, duas arrebatadoras áreas de interesse. Seria o continente africano que conquistaria Immanuel Wallerstein, quando, bolsheiro da Fundação Ford, se entregou à investigação sobre o papel das associações cívicas de solidariedade social presentes no Gana e na Costa do Marfim.

Encontramo-nos agora já nos tempos em que sopram forte “os ventos de África” e se difunde sem limites o entusiasmo independentista do Continente Negro. A tese de doutoramento de I. Wallerstein, defendida na Universidade de Columbia, em 1959, com o título “The emergence of two West African nations: Ghana and Ivory Coast” é um bom exemplo do modo como política e investigação científica se combinam no trajecto de vida do nosso candidato.

É justo salientar que quando o tema político principal era o debate sobre a “guerra fria”, a opção africanista de Wallerstein não era a mais popular na academia. Contudo, enquanto realidade empírica, a questão africana teve o mérito de alargar os horizontes teóricos e metodológicos deste intelectual, alimentando a sua reflexão sobre o funcionamento da complexa engrenagem em que se urdia a condição africana ao sistema capitalista como um todo.



O sistema-mundo capitalista, enquanto unidade de análise, trata-o I. Wallerstein numa perspectiva que neutraliza o intenso e, ao mesmo tempo, falso debate sobre as virtudes e as lógicas do humanismo idiográfico e da ciência nomotética. O trabalho dirigido por Wallerstein para a Comissão Gulbenkian de Ciência - “Para Abrir as Ciências Sociais”, hoje traduzido em mais de 20 idiomas -mostra com clareza que a mais judiciosa compreensão do mundo capitalista real terá que ser conduzida numa perspectiva histórica e também sistémica.

Fundado na lógica do mercado, o sistema-mundo, tal como Wallerstein o entende, é um sistema gerador de desigualdades, repartidas por universos centrais, semiperiféricos e periféricos, encimados por um sistema-inter-estados que o regula politicamente. O sistema tem as suas raízes mergulhadas na economia mediterrânica do século XVI e oscila de acordo com os ritmos de expansão e de retracção da economia. Um tal sistema, uno à escala mundial, é, todavia, flexível e admite no seu seio formas diversas de organização política, com expressões e arranjos de governança mais e menos democráticos, mais e menos autoritários. Uma pluralidade de formas de governo regidas por uma mesma racionalidade económica - a busca do lucro - foi sempre um terreno de aceras disputas.

Quer isto dizer que Wallerstein contou sempre, no decurso da sua actividade científica, com amigos e inimigos, o que significa que não esteve nunca alheado de confrontos epistemológicos, em defesa de um modo de análise da realidade que recolhe hoje consensos, impensáveis há 20 ou 30 anos.

Nesta luta entre epistemologias diversas, como aliás noutros muito variados aspectos da sua vida académica e pessoal, I. Wallerstein teve sempre a seu lado o destemido combatente Terence K. Hopkins. Wallerstein e todos quantos algumas vez se aventuraram na análise do sistema-mundo sabem como Terry, o saudoso Terry Hopkins, esgrimia com convicção inabalável e suavidade argumentativa os preceitos metodológicos e as premissas teórico-filosóficas da world-system analysis.



Evoco a autoridade académica de Terry Hopkins nesta circunstância por conhecer o tributo que Immanuel Wallerstein sempre lhe prestou e o ter sempre colocado no mesmo pedestal que outros, quiçá mais celebrados nomes da ribalta intelectual e académica internacional que, reconhecidamente, inspiraram a investigação do Professor hoje solicitante. São nomes grados das ciências sociais e do mundo das ideias socio-económicas aqueles que a biografia político-intelectual de I. Wallerstein convoca. Na sua obra tanto encontramos Marx, Freud, Schumpeter e Karl Polanyi, como deparamos com Nkrumah, Senghor, Amílcar Cabral ou Franz Fanon, ou ressoam Fernand Braudel e Ilya Prigogine entre tantos outros.

Neste escaparate de referências não deixarei de aludir a Vitorino Magalhães Godinho, insigne historiador cujo judicioso trabalho se encontra repetidamente presente nos textos mais iluminados de Wallerstein sobre a fundação da economia-mundo durante os finais do século XV e todo o século XVI.

O modelo de análise que Immanuel Wallerstein propõe tem uma linha de progressão histórica, feita ao ritmo da *longue-durée* e dos tempos sociais de que falava Fernand Braudel. Não se trata de perder de vista os acontecimentos e os ritmos nervosos da história *événementielle*, mas de inserir tais acontecimentos e os seus impactos numa hermenêutica diferenciada que privilegia as significações socio-históricas de longos arcos temporais e estruturais, no seio dos quais se revelam os tempos mais incertos das conjunturas. É nesta perspectiva que se compreende que na heurística wallersteiniana, a título de exemplo, a crise por que passam os têxteis portugueses, ou seja, aquilo a que nos habituámos eufemisticamente a designar por “crise do Vale do Ave”, não possa ser cabalmente explicada sem “recuarmos” - oh! como a linguagem nos pode atrair - sem “avancarmos” até ao século XVII. Aí começa o tempo estrutural do algodão e o seu processo de ascensão desde a condição de bem exótico e de luxo, até ser convertido em matéria-prima em torno da qual se haveria de industrializar o mundo, para logo, passados uns 150 anos e após complexo rol de peripécias conjunturais, ser despromovido e chegar, já sem força, a acalentar fantasiosos projectos de débeis economias semiperiféricas como a portuguesa.



Este exemplo ilustra o que é um sistema histórico como o capitalismo para Wallerstein. São sistemas que permanecem iguais a si mesmos no tempo longo e que, em simultâneo, não são nunca iguais a si próprios quando aferidos nos tempos curtos dos instantes. Trata-se de um paradoxo, não de uma contradição. Estudar e compreender os paradoxos é a missão colectiva principal dos cientistas sociais. Não se trata de um enigma, trata-se isso sim de um desafio.

Tome-se, por exemplo, o desafio de compreender a sociedade americana de hoje, atravessada por inúmeros paradoxos para o investigador social. Imagine-se a necessidade de explicar sistemicamente esta sociedade. No tempo longo da Pax Americana e da hegemonia mundial dos Estados Unidos, o sistema e a arrogância americana são sempre os mesmos, apesar dos dramáticos, chocantes e sempre diferentes acontecimentos que os permeiam, tenham eles sido a invasão de Granada, ou a Guerra do Golfo, ou a invasão do Iraque. Todos podem ser compreendidos à luz do sonoro grito de denúncia pública da agressiva e musculada política externa americana que Wallerstein soltou num seu pequeno e brilhante texto, significativamente intitulado “Yankees stay home!”, escrito no dealbar da invasão de Granada em 1983. Mas,... e o 11 de Setembro? Em si, pese embora o seu dramatismo, o 11 de Setembro não é o fim da agonizante Pax Americana. Na visão histórica e sistémica de Wallerstein, o chocante 11 de Setembro é *um momento*, um outro sinal, do declínio deste poder hegemónico, que por certo irá durar algumas décadas mais.

O que se seguirá? Um mundo desorganizado e mesmo caótico é uma hipótese que assim o admitem as novas filosofias da bifurcação e da incerteza sistémicas.

Entretanto, aos zelosos reveladores dos paradoxos da nossa contemporaneidade social, que são os cientistas sociais, Wallerstein recomenda uma acção tríplice:

> do ponto de vista intelectual, devem os cientistas sociais continuar a analisar sábia e criticamente a realidade do mundo em que vivemos;

>do ponto de vista moral, o seu compromisso deve ser o de esclarecer por que valores vale a



pena lutar hoje e no futuro;

>do ponto de vista político, cabe aos cientistas sociais contribuir para que o mundo que venha a resultar da actual crise estrutural do sistema seja um mundo incomparavelmente melhor do que o actual.

Permita-se-me que muito sinteticamente refira alguns traços da carreira académica e profissional de Immanuel Wallerstein.

A sua visão cosmopolita e progressista encontra-se hoje consagrada no epíteto de “fundador” da escola do sistema-mundo. Da sua relação com Portugal, permito-me salientar, nesta ocasião, a relação de cooperação que iniciou com a minha Faculdade em 1982. É de justiça elementar salientar também a sua Presidência da Comissão Gulbenkian para a Reestruturação das Ciências Sociais (1993-95), assim como o Doutoramento *Honoris Causa* que o ISCTE lhe atribuiu em 1999, entre os outros 8 que lhe foram já outorgados.

Estas distinções são marcas de uma carreira académica ilustríssima de quem é hoje Senior Research Scholar (na Universidade de Yale), foi Fundador e Director do Fernand Braudel Center for the Study of Economies, Historical Systems, and Civilizations e Distinguished Professor de Sociologia (Binghamton University, depois de ter ensinado nas Universidade de McGill e na Columbia University, em Nova Iorque).

Immanuel Wallerstein foi Presidente da prestigiada Associação Internacional de Sociologia (1994-1998) e foram-lhe outorgadas inúmeras distinções e honras académicas e científicas, um pouco por todo o mundo.

É autor de quase meia centena de livros e cerca de 3 centenas de artigos em revistas especializadas, uma mostra dos quais se encontra actualmente em exposição na Biblioteca da nossa Faculdade de Economia.





Apresenta-se Wallerstein a solicitar a esta Universidade a sua mais elevada distinção. Fá-lo pela mão do Professor Doutor Boaventura de Sousa Santos que adiante será apresentado com maior detalhe pelo meu colega Prof. Doutor João Arriscado Nunes. Conhecemos todos a dimensão sem fronteiras do trabalho científico do Professor Boaventura de Sousa Santos. É uma honra pessoal enorme mencionar, ainda que de forma necessariamente curta, o vulto que este ilustre Professor da nossa Universidade representa não apenas no panorama português, mas também no cenário internacional das Ciências Sociais. A sua obra é múltipla, complexa e inovadora. Irrequieta, como o seu pensamento, a obra científica de Boaventura de Sousa Santos é desafiadora e crítica de todos os convencionalismos. É transbordante e não respeita limites disciplinares ou epistémicos. Nem conhece fronteiras geo-políticas. Fala de Portugal, da Europa e da América do Norte, mas também das Áfricas, de Macau, ou da América Latina. Tanto do Norte como do Sul. Mas sempre de modo frontal e arguto, denunciando a acção política que subordina os subordinados e, como se tal não bastasse, humilha os mais fracos e os perdedores da modernidade. A obra de Boaventura de Sousa Santos representa um desafio à imaginação, arrebatada o leitor e instiga à investigação. Está de bem com o carácter pessoal do autor. Homem de firmes convicções, de espírito culto e solidário, Boaventura de Sousa Santos é um exemplo de perseverança. A ele se devem muitas iniciativas - de que o Centro de Estudos Sociais, é certamente das mais destacadas - em prol do conhecimento e do ofício das Ciências Sociais. O professor I. Wallerstein tem, sem dúvida, o apresentante que merece.

Magnífico Reitor ...

Quando falamos de Immanuel Wallerstein, falamos, como dou por demonstrado, de um vulto intelectual e académico do mais subido quilate, a quem muito devem o mundo científico, em geral, e o das Ciências Sociais e da Sociologia contemporâneas, em particular. Tanto quanto honrar a obra e o autor, a solene imposição de insígnias da Universidade de Coimbra a Immanuel Wallerstein que lhe rogo que ordene, enobrece também a própria Universidade. *Ergo*, que seja o nome de Immanuel Maurice Wallerstein associado à galeria de quantos têm



merecido esta elevada distinção.

Disse!